

A COSMOLOGIA AFRICANA E A ETNOMATEMÁTICA NUM MODELO DE SAÚDE

Virginia Maria Almeida de Freitas
Doutoranda do Programa do HCTE
vmfreitas@oi.com.br

Ricardo Silva Kubrusly - UFRJ
Prof. Dr. do HCTE – UFRJ
riskuby@gmail.com

INTRODUÇÃO

A dignidade do indivíduo é violentada pela exclusão social, (...). Mas também por fazer, dos trajes tradicionais dos povos marginalizados, fantasias, por considerar folclore seus mitos e religiões, por criminalizar suas práticas médicas. E por fazer, de suas práticas tradicionais e de sua matemática, mera curiosidade, quando não motivo de chacota (D' AMBRÓSIO, 2002, p. 9).

Para qualificar uma pesquisa em Ciência é primordial a consciência do formalismo e do rigor da metodologia científica. Adequar tais critérios em alguma área do conhecimento humano nem sempre é fácil. Assim, está por ser estudada em profundidade a relação saúde-doença entre os fiéis aos Orixás vindos da África.

É difícil estabelecer com exatidão o ponto do conhecimento grego, a partir do qual a mente de Tales, Anaximandro e Anaxímenes moldaram o estudo da natureza dispensando os deuses. Foi num período de tempo. A experiência humana separava a razão das emoções, desejos e ritos. Tornava-se real uma nova análise da origem, substância básica, estrutura e funcionamento de tudo o que existia. Nascia a filosofia grega. Colonizadores portugueses e de outras bandeiras incorporaram a grega-cultura à nativa brasileira, simultaneamente, a hábitos e costumes euros-cristãos. Outra filosofia, a africana, chegou ao solo brasileiro pelos tumbeiros paralelamente ao conhecimento e à cultura iorubana entre outras etnoculturas da África.

Os milesianos sequer representavam a totalidade do pensamento científico grego primitivo. A tradição médica por métodos experimentais constituiu um conjunto de conhecimentos sistemáticos, com base em observações repetidas, hostis às afirmações mais dogmáticas dos filósofos; os milésios não apresentavam qualquer interesse pela estrutura, composição e funcionamento do corpo humano. A arte da Medicina não teria despertado a atenção daqueles primeiros cientistas e ela só entraria em contato com a filosofia natural ou física por volta do começo do século V – já aí o modelo da cosmologia estava estabelecido e

fidelizado, independente das influências, controvérsias e teses médicas (CORNFORD, 1989).

A cultura africana classicamente foi transmitida pela dinâmica de escuta e respeito entre as gerações. Foi produzida por seres humanos frente à necessidade de respostas a problemas e situações subordinados a um distinto e particular contexto de ambiente natural e social. Sua tradição médica, conduzida pelos sacerdotes (*Babaláwo*) iniciados para tal função, constitui parte do conjunto de conhecimentos adequados à sobrevivência. A Arte da Medicina Africana, o cuidar e o prevenir enfermidades, encontra-se ligada ao cultural, social e religioso – o doente era, e ainda é, visto de forma holística, corpo e alma. No Brasil, seguiram-se à cultura africana as de crioulos e as de afro-descendentes, na manutenção coletiva do saber e preservação de tradições e religião. Da África, diferentes Nações, que sob o ponto de vista africano tem os limites de especialíssimas afinidades com um determinado grupo e seu sistema de representações coletivas, perpetuaram cada qual seu costume nessa Terra de Exílio, onde um possível resumo para estudo pode ser encontrado no *candomblé*.

Forma de sobrevivência africana no Brasil, o *candomblé* até a algumas décadas foi identificado como originado na África. O compõem elementos de muitas Nações com particulares tradições em toques do tambor, músicas, rituais, vestuários, idiomas dos cânticos e nomes das divindades: o Ioruba (ou Nagô), com seus *Òrìṣà* “domina sem contestação” (BASTIDE, 1961). É culto verde-amarelo de origem, existência e assimilação: uma síntese de elementos africanos num Terreiro, espaço autônomo, com uma autoridade máxima, um Pai ou uma Mãe de Santo, que orienta seguidores de todas as cores, atualmente já não mais só negros. O vocábulo é banto - família lingüística dos escravos trazidos, em sua maioria, da atual Angola – e substituiu, ao final do século XVIII, Calundu, que designava os rituais religiosos africanos em geral. Termo onomatopaico *candomblé* originalmente significava dança e instrumento de música e se estendeu, na Bahia, à designação da cerimônia religiosa dos negros (BASTIDE, 1961). O mais antigo documento conhecido com o termo *candomblé* refere-se ao escravo angola Antônio, sacerdote, adivinho e curandeiro, descrito como “presidente do terreiro dos *candomblés*” por um capitão de milícias, em 1807; outra novidade, neste documento é a associação dos vocábulos: terreiro e *candomblé* (REIS, 2005).

O objetivo deste trabalho é apresentar a Etnomatemática como uma dinâmica que possa ligar *candomblé* Nagô, a presença no cosmo daquele povo do sacerdote *Babalawo*, cuidador dos diagnósticos em geral. Pesquisou-se na Biblioteca do Museu Imperial – Petrópolis, RJ, entre 07/02/2008 e 17/04/2008. Consultaram-se os bancos de dados Scielo, Lilacs e Medline / Pubmed para revisão da literatura. Usaram-se os descritores: “etnomatemática” e “ethno mathematics”; “afro- brasileira” e “afrobrazilian”; “História da Ciência”; “História da Ciência e saúde e afro-brasileira”; “afro Brazilian and health and history of science”. Localizou-se 119 artigos. No Scielo “afro-brasileira” direcionou a pesquisa para “afro-descendente” e revelou 01 artigo.

Realizou-se leitura dos títulos e resumos dos estudos encontrados. Para discussão foram selecionados aqueles que apresentavam algum tipo de relação entre saúde, religião afro-brasileira, história da ciência, etnomatemática. Tomaram-se como relevantes à pesquisa informações de livros e revistas que discutiam a afro-cultura e registros que a autora fez com iniciados, seguidores e consulentes de templos religiosos daquela religião. Há poucos estudos nacionais ou internacionais disponíveis sobre o tema de saúde, religião afro-brasileira, *candomblé* e Etnomatemática.

DISCUSSÃO

Pode-se não ter a mesma opinião, pode-se negá-la e provar sua inexatidão, mas, é impossível julgar uma doutrina sem haver penetrado no conceito do qual ela deriva (LEON TOLSTOI, **O reino de Deus está em vós** – 1893).

A sociedade africana, incluindo a sacerdotal, que aqui chegou possuía cosmo de estrutura quádrupla: natureza, deuses, homens e mortos. Possuíam, por exemplo, uma semana de quatro dias, cada um deles ligado a um ponto cardeal. O africano postula e fundamenta, de forma rica e complexa, uma filosofia do universo e uma concepção de homem, úteis para a saúde mental e a adaptação do ser humano na sociedade a que pertence. Bastide sugere iniciar o estudo das tradições africanas pelo do sacerdócio que o africanólogo classifica por função e, a cada uma delas, associa uma estrutura do cosmo quádruplo afro-baiano:

Babalóòrìsà (ou a *Ìyálóòrìsà*) preside ao culto aos *Òrìsà* - deuses;

Babaláwo ou *Olúwo* preside ao culto de *Ifá* - homens;

Olóòsonyìn preside ao culto de *Ọ̀sányìn* - deusa das folhas;

Babaòjẹ̀ preside ao culto dos *Egúngún* - mortos (BASTIDE, 1961).

Dentro destes quatro compartimentos do cosmo – obra e zelo do único Deus Supremo, *Olórun* ou *Olódùmarè* - o cuidado nos diagnósticos medicamentosos e na relação saúde e doença é presidido por um *Babaláwo* ou *Olúwo*, qualidade de sacerdote que esteve sumido do cenário religioso e atualmente vem sendo resgatado no Brasil. Sua função sempre foi desempenhada pelo *Babalóòrìsà* (ou pela *Ìyálóòrìsà*).

O *Babaláwo*, sacerdote da divindade iorubana denominada *Ifá* ou *Ọ̀rúnmilà* (deus nagô da adivinhação), é o pai e senhor do mistério, aquele que consegue conhecer o destino de pessoas e coisas usando um jogo de *ikin* (caroços de dendê de quatro furos) ou *Ọ̀pèlẹ̀ Ifá* (colar de *Ifá*). O destino de cada humano torna-se conhecido através do *odu* (caminho), a predestinação de cada pessoa e que poderá ser alterado. Existem 16 *Odu*s principais cada um deles tendo representação no jogo. Na tradição não se inicia nada sem antes consultar o oráculo - um instrumento de intermediar os conselhos divinos para situações que, na prática, serão confirmadas à realização ou a reversão. Os diversos *òrìsà* respondem no jogo, posicionam-se e influenciam nas respostas. Revela-se pelo jogo o *òrìsà* da pessoa em estudo. E, só se toma ou se administra remédios a doentes quando o oráculo prescreve.

Na Bahia, pertencente à estrutura organizacional do candomblé (BASTIDE, 1961), o *Babaláwo*, nome de origem nagô, fora usado pelos seus dotes de adivinho - as mães de santo os consultavam prévio às cerimônias de iniciação ou após calamidades que se abatessem sobre a Casa. Era tão importante quanto à mãe de santo e residiam fora do terreiro. A Bahia conheceu como últimos *Babaláwo* Martiniano Irineu do Bonfim e Felisberto Sowzer.

O século XVIII viu um rápido aumento na aplicação dos métodos matemáticos e a inclusão de botânicos entre os quantificadores (HEILBRON, 1990). Através daquele século, estudiosos da morfogênese perpetuavam ignorância ou resistência ao uso de métodos e símbolos matemáticos; a teoria da gênese, como eles a entendiam, era observacional, qualitativa e finalista; o núcleo da tradição conceitual ainda era aristotélico e a “depreciação da matemática de Aristóteles” (LARSON, 1990, página 268), irreconciliável com o estudo das causas finais, uma parte da ciência que naturalistas não precisavam justificar suas resistências para medir e contar. Esta depreciação Aristotélica da Matemática pode contrastar com o valor dado a esta Ciência na história da África - achado arqueológico, Ossos de aproximadamente 37 000 e 27 000 anos de idade, Lebombo e Ishango, respectivamente, colocam aquele continente na vanguarda do uso dos números (WILLIAMS, 1997).

A Etnomatemática, inclusa recente na literatura, é uma possibilidade de enriquecimento de experiências e observações de um dado grupo humano sobre um determinado tema; pode estruturar uma teoria sobre diagnóstico medicamentoso na cultura e religião africanas. O topólogo Raymond Louis Wilder foi, possivelmente, o primeiro a fazer uma relação clara entre a matemática e a cultura, em 1950, nos Estados Unidos e, pioneiro no estudo da história da matemática sob um ponto de vista antropológico. Quando a ênfase é pesquisa, Etnomatemática é uma das tendências em Educação Matemática: “uma reflexão embasada no princípio de que todos podem produzir Matemática, nas suas diferentes expressões de contexto e de construção simbólica” (D’AMBRÓSIO, 2002). Etnomatemática é, no momento, uma subárea da História e da Educação Matemática relacionadas à Antropologia, Ciências da Cognição e Política. É praticada por grupos culturais que se identificam por objetivos e tradições comuns (comunidades urbanas e rurais, classes profissionais e de trabalhadores, crianças de determinada faixa etária, sociedades indígenas).

Matemática, disciplina originada e desenvolvida na Europa, com contribuição das civilizações indiana e islâmica, apresentando o formato adquirido nos séculos XVI e XVII, hoje universal, é uma Etnomatemática. Como a Matemática, as ciências, religiões, técnicas e artes são construções do ser humano ao longo de sua trajetória civilizatória para contextualizar-se em cada realidade natural e cultural – sensível e perceptível - e transcendências. Etnomatemática é composta por três raízes: *tica*, *matema* e *etno*, considerando haver “várias maneiras, técnicas, habilidades (*ticas*) de explicar, de entender, de lidar e de conviver com (*matema*) distintos contextos naturais e socioeconômicos da realidade (*etnos*)” (D’AMBRÓSIO, 2002, p. 70).

A operação com os dezesseis sinais de *Ifá* é um exemplo do uso da matemática por um grupo étnico definido; a habilidade técnica (*ticas*) dos “especialistas tradicionais” (SERRA et al., 2002) lida, entende, explica (*matema*) o sagrado, o terapêutico - “saúde é um dos caminhos que mais levam o Povo de Santo, para dentro do *Egbé*” (MONTEIRO, 2006) - contextualizando a realidade natural e socioeconômica daquela determinada comunidade (*etnos*).

CONCLUSÕES

Na literatura especializada, incluindo na História das Ciências, detecta-se a ausência de contribuições para a formulação de modelo de saúde com gênese no pensamento religioso

iorubá-nagô; há uma lacuna quanto a estudos referentes ao sacerdote *Babaláwo* e à metodologia diagnóstica que usa ao atender enfermidades. O sistema filosófico africano tem muito a ser estudado. A História das Ciências precisa ser sensível a questões culturais e a outros saberes que serviram de marca para o pensamento humano. A etnomatemática é uma possibilidade de enriquecimento. Nesta pesquisa os autores problematizam o caráter sagrado dos *Babaláwo* sacerdotes cuidadores dos diagnósticos em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961. 370 p.

CORNFORD, Francis Macdonald. **Principium Sapientiae – As Origens do Pensamento Filosófico Grego**. 3ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989. 266 p.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 112 p. (Coleção Tendências em Educação Matemática, 1).
HEILBRON, J. L. Introductory Essay. In: FRÄNGSMYR, Tore, HEILBRON, J. L. e RIDER, Robin E. (Editores) **The Quantifying Spirit in the Eighteenth Century**. Berkeley: University of California Press, 1990. p. 1 – 23.

LARSON, James. The Most Confused Knot in the Doctrine of Reproduction. In:

FRÄNGSMYR, Tore, HEILBRON, J. L. e RIDER, Robin E., **The Quantifying Spirit in the Eighteenth Century**. Berkeley: University of California Press, 1990. p. 267 – 289.

MONTEIRO, Celso. (2006). "Quarto de Santo: o nascer e morrer pela barriga do candomblé nos quintais do Brasil". **Tempo e Presença**, n. 345, ano 28, pp. 23 – 27.

REIS, João José. Bahia de todas as Áfricas. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 6, dezembro 2005. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=847&pagina=1>. Acesso em: 06 set. 2010.

SERRA, Ordep et al. (Organizadores) **O Mundo das Folhas**. Feira de Santana: UEFS; Salvador: UFB, 2002. 237 p.

TOLSTOI, Leon. **O reino de Deus está em vós**. 2ª Ed. Tradução de Ceuna Portocarrero. Editora Rosados Tempos, 1893. Disponível em: <http://www.mediafire.com/?ujmniwe5n4a>. Acesso em: 30/08/2010.

WILLIAMS, Scott W. **Mathematicians of the African Diaspora**. Mathematics Department of the University of New York at Buffalo, May 25, 1997. Disponível em: <http://www.math.buffalo.edu/mad/Ancient-Africa/ishango.html>. Acesso em: 30/08/2010.